

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE INCUBAÇÃO DA ARREP – ASSOCIAÇÃO DE RECICLADORES REI DO PET DE PONTA GROSSA: UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA DAS TRABALHADORAS

GT 3: Autogestão como processo pedagógico

Tipo de trabalho: 3 – Relato de Experiência

BOFFETE, José Eduardo Oliveira¹
CRUZ, Gilson Campos Ferreira²
CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves³
HAAS, Bruna Marielle⁴
LOPES, Igor Fabian de Goes⁵
MOURA, Reidy Rolim⁶
NAZARETH, Camila Eidam⁷
NEVES, Jessica Gislaine das⁸
NEVES, Mateus Sauer⁹

Resumo

É notável a ausência de políticas públicas que visem à gestão ambiental das cidades brasileiras. Catadores e recicladores acabam por realizar a dinâmica fundamental para o Meio Ambiente, a coleta, a triagem e encaminhamento de materiais recicláveis. Além disso, é visível de mesma forma, que muitos trabalhadores são explorados por empresas, que obtêm o lucro, em detrimento do trabalhador. É neste panorama que a proposta de Economia Solidária surge como alternativa de trabalho e geração de renda, e ainda como solucionadora de problemas sociais, ambientais e econômicos, tanto para o trabalhador como para a sociedade. No ano de 2010 em busca dos ideais Econômicos Solidários a Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Estadual de Ponta Grossa começa a atender um grupo de catadores da cidade, em sua maioria do sexo feminino. Em 2011 esse grupo de catadores, com auxílio da Incubadora torna-se uma associação: ARREP – Associação de Recicladores Rei do Pet, que passa a ser incubada, resultando no processo de desenvolvimento da associação (formações sobre Economia Solidária e

¹ Graduando em Bacharelado em Serviço Social na UEPG; Extensionista bolsista na IESol; jeobss@gmail.com

² Professor Adjunto do Departamento de Geociências; Coordenador do Projeto Petrobras e PRONINC; llagc2@yahoo.com.br

³ Professor Adjunto do Departamento de Geociências, doutor em Geografia; gilsoncruz@uepg.br

⁴ Graduanda em Bacharelado em Serviço Social na UEPG; Extensionista bolsista na IESol; haasbruna@gmail.com

⁵ Graduando em Engenharia de Materiais na UEPG; Extensionista bolsista na IESol; ifgl@ig.com.br

⁶ Professora Adjunta do Departamento de Serviço Social; Coordenadora da IESol: reidymoura@gmail.com

⁷ Bacharel em Serviço Social pela UEPG, Técnica Bolsista em Economia Solidária (PRONINC); camilaeidam@yahoo.com.br

⁸ Graduanda em Bacharelado em Geografia na UEPG; Extensionista bolsista PRONINC na IESol; jegislaineneves@gmail.com

⁹ Bacharel em Direito pela UEPG; Residente Técnico do Curso de Especialização em Gestão Pública, com ênfase em: Sistema Único da Assistência Social; mateus.sauer89@hotmail.com

Autogestão para as trabalhadoras, melhora de renda coletiva em virtude da instalação de materiais, e outras atividades), bem como dos envolvidos neste programa de extensão universitária.

Palavras-Chave: Reciclagem, Mulheres, Economia Solidária.

Introdução

No Brasil estima-se que existem cerca de 800.000 mil catadores e catadoras de materiais recicláveis (MNCR, 2011), segundo dados do Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (SIES, 2007), dessa totalidade 59% são mulheres no ramo da reciclagem. Apesar de grande número, são geralmente grupos socialmente vulneráveis, com pouca estrutura para trabalhar, com ausência de legislações específicas para a reciclagem, pessoas desprovidas de equipamentos, quase esquecidos na sociedade. Como alternativa os Empreendimentos Econômicos Solidários, visam: a solidariedade econômica, a democratização trabalhista - igualdade, a autogestão, traçando novos caminhos: um novo modo de produção (anticapitalista), o Modo de Produção Econômico Solidário:

A economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica. (SINGER, 2004, p.10)

Dessa maneira, o presente trabalho tem como objetivo geral apresentar informações e compartilhar observações do processo de incubação da ARREP, bem como o desenvolvimento e o fortalecimento da mesma, potencializando as possibilidades de preservação ambiental, da autogestão dos trabalhadores, da emancipação social e do progresso econômico dos associados. Todas as atuações da incubadora na associação, foram realizadas por alunos, professores e técnicos da IESol, dotados de conhecimentos sobre as práticas e reflexos da Economia Solidária, e todas as resoluções relacionadas a associação foram realizadas pelos próprios associados, que praticam a autogestão e processos democráticos em todas as decisões, somente sendo acompanhados pela equipe da incubadora.

Pretendemos também, apresentar o panorama da associação, relacionando a temática de gênero, sabendo que a maioria dos associados da ARREP, são mulheres. Esse fato é normalmente compreendido, visto que, não somente na linha de reciclagem, as mulheres têm obtido novos olhares sob a perspectiva do trabalho, essa grande mudança contemporânea no mundo do trabalho vem acontecendo nos últimos 40 anos conforme Silva (2011). Dessa maneira, a maior quantidade de mulheres na associação pesquisada, pode ser entendida como natural, em virtude de ocorrer essa mesma situação na maioria das associações e cooperativas de reciclagem do Brasil (ZANIN & GUTIERREZ, 2011). Com isso, observamos as articulações e atuações dessas trabalhadoras na associação, como elas dividem o trabalho (homem/mulher), as dificuldades e facilidades na dinâmica das atividades.

A IESOL e a ARREP: a incubação como processo de trabalho

A Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESol) é considerada uma incubadora tecnológica de cooperativas populares (ITCP), da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). A história da IESOL se inicia em 2004, após a participação da UEPG em um curso de Introdução à Economia Solidária, promovido pela parceria entre a Secretaria do Trabalho, Emprego e Promoção Social e a Incubadora de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná (ITCP/UFPR). Foi por meio deste curso que se iniciou o fomento à constituição de uma incubadora na UEPG, que assessorasse experiências cooperativas e/ou associativas motivadas pelos princípios da economia solidária.

Com relação ao processo de incubação com grupos, se dá, basicamente, em três etapas: Pré-incubação, Incubação e Pós-incubação. O primeiro refere-se contato inicial com os grupos, incluindo avaliações e diagnósticos preliminares, bem como sensibilização para o tema do cooperativismo e economia solidária. O segundo refere-se a pesquisas de mercado, estudo de viabilidade econômica e financeira, elaboração e aprovação de estatuto e regimento, além de assessorias técnicas (contábil, jurídica, econômica, administrativa, etc) e da formação continuada a respeito da economia solidária. Inclui ainda pesquisas históricas, sociológicas, antropológicas para traçar um amplo perfil dos grupos. Esses estudos extrapolam a esfera econômica e possibilitam uma compreensão mais concreta da

realidade do empreendimento. E por fim, o terceiro refere-se a preparar o grupo para a desvinculação com a incubadora, a fim de que possam se estabelecer com total autonomia e independência em todos os aspectos. Nessa etapa o grupo pode receber assessorias pontuais em problemas específicos e esporádicos (até seis meses).

Assim sendo, por ser um programa de extensão da UEPG, também tem como objetivo o trabalho interdisciplinar entre professores e acadêmicos, bem como articular relações entre a universidade e a comunidade. Nesse trabalho a IESol incuba 4 grupos, assessora 4 grupos e acompanha 4 grupos. Um desses grupos incubados é a ARREP - Associação de Recicladores Rei do PET- que tem em seu corpo de associados 23 pessoas, sendo 21 mulheres e 2 homens. Este número é variável, uma vez que a rotatividade de indivíduos na associação é grande.

A história da ARREP começa em 2010, quando um grupo de catadoras individuais que residiam na região da Rua Cascavel, no bairro Santa Luzia, município de Ponta Grossa-PR, solicitaram, mediada pelo Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) do bairro Santa Luzia, a presença da IESol com a finalidade de estabelecer um trabalho de incubação. A ideia dessas trabalhadoras era constituir uma associação que trabalhasse com a reciclagem de materiais recicláveis, e em junho daquele ano foi realizada a assembleia de formação da associação, no salão do CRAS-Sta. Luzia. Atualmente, passados cinco anos deste início, a associação, apesar das dificuldades enfrentadas, conta com muitas conquistas: barracão alugado por convênio com a prefeitura; maquinário cedido por convênio com a UEPG; maquinários, equipamentos e eletroeletrônicos adquiridos através de editais de fomento; melhores condições de trabalho; participação em eventos da categoria; acesso a programas de alfabetização; aumento da participação das trabalhadoras; entre outras.

Procedimentos Metodológicos

Inicialmente foram leituras a respeito dos temas abordados na pesquisa: Empreendimentos Econômicos Solidários, Reciclagem, Processo de Triagem de Materiais Recicláveis e Gênero & Trabalho. Juntamente, foram realizadas visitas semanais nas dependências da ARREP. Nas visitas, foi executado primeiramente o diagnóstico da

associação, pautado pela aproximação da equipe com os associados, pela explicação das atuações da IESol na associação, e pelo levantamento de dados dos associados, através de fichas (nome, idade, endereço, estado civil, renda da associação, renda familiar, número de filhos e escolaridade).

Nas posteriores visitas, foram realizadas conversas informais com os associados, as quais direcionaram a presente pesquisa. Nestas conversas, alguns associados foram questionados sobre a divisão do trabalho na associação (homem/mulher). Foram efetuadas algumas perguntas sobre essa temática, uma das questões foi a seguinte: “Você acredita que há trabalhos que só podem ser executados por homens no processo de triagem de materiais recicláveis?”:

Ah seria bom ter mais homens, mas hoje em dia não há o que mulheres não façam... As mulheres estão em todas as áreas. Aqui na associação, por exemplo, todo mundo faz tudo, já teve momentos em que só tinha mulheres aqui. (Informação Verbal)¹⁰

Essa perspectiva é partilhada por grande parte dos associados, principalmente das associadas, que são a maioria. No decorrer das visitas pode-se observar a veracidade das respostas obtidas, visto que, todos independente de sexo, podem e efetuam todas as atividades possíveis (com exceções de delimitações físicas relacionadas à saúde dos mesmos). Nas visitas semanais, foram também feitas reuniões com o grupo, guiadas pelo conselho de autogestão (reuniões democráticas que são decididas questões referentes à associação de forma coletiva pelos associados). Dessa forma, tomaram-se algumas decisões, como a realização e palestras sobre Economia Solidária para os associados – atividade proporcionada pela equipe da IESol – além de outras atividades desenvolvidas com o grupo, como: a participação dos associados em feiras solidárias, a elaboração de uma turma de alfabetização, a realização de eleições da associação, etc.

A perspectiva das trabalhadoras da ARREP: o processo produtivo econômico solidário

As conversas, reuniões e atividades que têm sido realizadas na ARREP, tem demonstrado o desenvolvimento da autonomia de todos os associados, que já são capazes

¹⁰ Informação fornecida em conversa informal com associada da ARREP, Edinéia, 35 anos, 2014.

de participar de forma mais ativa nas reuniões (propõem melhorias, se organizam de melhor forma – articulam-se, resolvem problemas interpessoais, etc.). Além da autonomia adquirida, principalmente das associadas, que correspondem 91,67% do grupo de 24 pessoas (ARREP, dados de Março de 2014). As associadas do grupo, cotidianamente, se deparam com situações que anteriormente taxariam como situações com alto grau de dificuldade para uma mulher exercer, como exemplo: o carregamento e descarregamento de bags – processo realizado por homens na maioria das associações, e anteriormente realizado somente por homens na ARREP (Figura 1).

Atualmente, o carregamento de bags já é comum para elas (Figura 2), visto que conseguem se ver mais capazes de realizar todos os tipos de atividade na associação, como o recebimento de material, a triagem, o carregamento de fardos, a manobra de equipamentos, a pesagem, a administração da associação de forma geral. Essa ocorrência se dá, não somente pelas conversas realizadas grupalmente, que estimulam à autogestão, mas também pelo auxílio de novos materiais e equipamentos cedidos pela universidade à associação, adquiridos através de projetos.



Figura 1



Figura 2

Paralelamente a equipe: acadêmicos, técnicos e professores, sentiram-se motivados sob a nova perspectiva do grupo, e também estão passando por um processo de progresso, no qual estão investigando tecnologias sociais que possam ser aplicadas na associação.

Tecnologias sociais em associações de catadores

A presença predominantemente feminina na ARREP resulta em alguns aspectos que interferem na forma como o empreendimento organiza sua produção e as diversas tarefas, operações e rotinas necessárias. Além do gênero, outros aspectos desse perfil tem forte influência no trabalho, como a escolaridade, faixas etárias, condições de saúde, condições econômicas, etc.

Esse perfil sócio-econômico dos empreendimentos de catadores traz a necessidade de se pensar metodologias, técnicas e tecnologias adequadas ao contexto dessas pessoas.

A Tecnologia Social (TS) é adotada pela Economia Solidária como uma proposta que pode proporcionar a esses trabalhadores alternativas tecnológicas que possam responder às suas demandas sem, no entanto, reproduzir nas práticas dos empreendimentos conceitos geralmente associados às demandas do mercado capitalista.

A Tecnologia Social (TS) constitui uma linha de pensamento que questiona o determinismo tecnológico, o desenvolvimento linear e os seus desdobramentos sobre a forma como a sociedade se relaciona com as tecnologias e a ciência, contrapondo-se assim com a chamada “tecnologia convencional”, entendida como a tecnologia hegemônica, desenvolvida a partir de princípios deterministas e desenvolvimentistas, e amplamente adotada para a produção de bens e serviços para as demandas do mercado capitalista.

Segundo David Dickson (1978) em seu livro “Tecnologia Alternativa” a tecnologia atua em dois níveis: material e simbólico. No nível material a tecnologia convencional atende às necessidades dos grupos sociais dominantes nas sociedades onde são desenvolvidas. No nível simbólico a tecnologia serve como uma forma de apoiar e propagar a ideologia desse grupo social dominante. (DAGNINO, 2004)

O conceito de “Tecnologia Social” refere-se a conjuntos de técnicas e procedimentos tecnológicos que representam soluções para a inclusão social e melhoria da qualidade de vida, geralmente associados a formas de organização coletivas autogestionárias, como nos empreendimentos de economia solidária.

Assim, consideramos tecnologias sociais aquelas que apresentam como características a participação coletiva nos processos de escolha da tecnologia, o baixo custo do produto ou serviço final, bem como dos investimentos necessários, a pequena ou média escala de produção, a simplicidade e os efeitos benéficos que sua utilização traz para a geração de renda, saúde, emprego, produção de alimentos, nutrição, habitação, relações sociais e meio ambiente. (Dagnino e Brandão, 2004)

No Brasil a discussão sobre tecnologia social aparece na atualidade como um reflexo de movimentos como das Redes de Economia Solidária (RESs), Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs), empresas recuperadas e empreendimentos autogestionários.

As metodologias e ferramentas para organização do trabalho em sistemas de produção em empreendimentos de economia solidária também podem ser entendidas através das abordagens da tecnologia social, pois também tem relação direta com a estrutura utilizada, as ferramentas e equipamentos disponíveis, e as relações estabelecidas entre os trabalhadores que operam essa produção, seus objetivos individuais e coletivos para essa produção, e ainda, as relações estabelecidas entre os trabalhadores e as tecnologias e ferramentas utilizadas na produção, trazendo toda a carga histórica e social desses elementos que constituem a produção.

Gênero, produção e tecnologia

O fato dos empreendimentos de catadores serem formados predominantemente por mulheres, como no caso da ARREP, leva a reflexões sobre as relações de gênero e as tecnologias no ambiente de trabalho e de produção. Como as mulheres catadoras assumem a maior parte das tarefas, não só na produção, mas também na administração e manutenção desses empreendimentos, deve-se levar em consideração a sua influência na constituição desse ambiente de produção e trabalho coletivo, e as suas implicações nas estratégias e ferramentas tecnológicas adotadas.

Segundo Vasconcellos (2015), existe todo um imaginário social que pressupõe papéis diferentes aos sexos e que reflete em alguns fatores que estão presentes nas relações de gênero e tecnologias em ambientes de produção de empreendimentos populares, e que coloca as mulheres como “tecnicamente incapazes”, criando barreiras para a apropriação dessas tecnologias pelas mulheres. Ainda segundo Vasconcellos (2015), as mulheres passam por um processo de socialização diferenciada durante infância e adolescência com a tecnologia, o que pode contribuir para a manutenção da tecnologia como um território predominantemente masculino.

Vasconcellos (2015) aponta para aspectos das relações de gênero e tecnologia que merecem ser considerados em ambientes de produção de empreendimentos de catadores formados por maioria de mulheres, como a manutenção técnica especializada de equipamentos ainda quase que exclusivamente dependente de homens que ocupam essas funções; o fato de homens se fazerem geralmente encarregados do manejo e manutenção dos artefatos tecnológicos usados nos processos produtivos; e as representações sociais de gênero sobre “trabalho leve” e trabalho pesado”, geralmente mais vinculadas a uma representação social do gênero que executa a tarefa do que ao grau de força física demandada pelo trabalho em questão.

Na ARREP, diversos desses aspectos podem ser avaliados nas relações existentes entre os associados e as suas estratégias e ferramentas adotadas para a produção, levando a uma compreensão mais ampla das operações e processos que ocorrem na produção do empreendimento e na forma como os associados podem se apropriar dessas ferramentas, bem como no papel que as tecnologias podem desempenhar no processo de empoderamento dos associados.

Considerações Finais

O processo de incubação na ARREP realizado pela IESol, tem correspondido as demandas tanto da associação quanto da universidade, que tem encontrado o caminho para o desenvolvimento da autonomia social – associados e apoiadores, dentre eles: técnicos, professores e acadêmicos, envolvidos com a causa da associação, que por sua vez, tem atingido a preservação ambiental, o avanço econômico das famílias envolvidas, o estabelecimento da economia solidária, e o progresso social.

O processo de incubação é dinâmico e possivelmente continuará se alterando no andamento do projeto na associação, porém é notável o avanço já obtido:

a) Alguns levantamentos de dados que foram realizados na associação, que posteriormente serão quantificados para auxílio no processo de sistematização das atividades e pesquisas;

b) O aperfeiçoamento de práticas sustentáveis e do bem-estar dos associados, que atualmente possuem um local para a realização da triagem de materiais recicláveis: o

barracão, e a aquisição materiais que oferecem maior adequação para a realização das atividades;

c) A evolução da capacidade de autogestão do grupo, que tem absorvido as práticas da Economia Solidária e realizado reuniões democráticas sem a necessidade de um apoiador da IESol estar presente;

d) O progresso econômico dos envolvidos nesse Empreendimento Econômico Solidário, que tem relatado melhorias na renda da associação;

e) E a maximização da autonomia social, obtida através do conjunto de progressos do empreendimento, mas principalmente causada pela viabilização da formação básica dos associados (que tem sido realizada nas dependências da associação, com aulas disponibilizadas pelo Centro de Referência de Assistência Social - CRAS), e outras formações e palestras realizadas pela incubadora.

Referências

DAGNINO, Renato. A tecnologia social e seus desafios. In: **Tecnologia Social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

DAGNINO, Renato; BRANDÃO, Flávio C.. Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social. In: **Tecnologia Social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. 1ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, J. M.; SILVA, A. C. P. (Org.). **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2011. p. 149-154.

VASCONCELLOS, Bruna M.; DIAS, Rafael B. **Trabalho associado, mulheres e tecnologia**. Anais do I CONPES - Congresso Nacional de Pesquisadores de Economia Solidária, São Carlos-SP, 2015.

ZANIN, M.; GUTIERREZ, R. F. (Org.). **Cooperativas de Catadores:** Reflexões sobre práticas. São Carlos: Clara Luz, 2011.